



Gaiato

9 DE ABRIL DE 1966
ANO XXIII — N.º 576 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO * PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA * DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA * AVENÇA * QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

Páscoa

«Cristo passou fazendo o bem».

Esta legenda de S. Pedro vale por uma definição. Ela identifica a passagem d'Ele e o bem que é oferecido aos homens — como o sulco que um barco deixa ao navegar.

Porém, o sulco de bem que a passagem do Senhor rasga e oferece não se dissipa mais. Alguém — um só que fôsse! — terá aproveitado aquele rasto e o terá seguido. E este abre outro sulco, que atrairá alguém — um só que seja!... E assim permanece o bem que Cristo fez ao passar.

Pois não devemos entender assim, assumindo responsabilidade, nós, os baptizados, que com direito — e com deveres! — nos intitulamos outros Cristos?

A Páscoa é comemoração da passagem histórica de Jesus por entre os homens para os guiar ao Pai. Mas na Igreja de Cristo, onde Ele é uma presença viva e actuante pelo Espírito que Lhe enviou a animá-la até ao fim do tempo, as comemorações históricas são momentos vivos. A Páscoa-1966, como as 1932 Páscoas depois daquela em que Cristo triunfou da morte, é uma passagem actual do Senhor com toda a sua consequência de bem, tal como naquele tempo. É com certeza, porque bastava um homem só que fôsse, fôsse fiel a Cristo, seguisse o Seu rasto de bem... — mas são tantos!

Há uma solidariedade entre Cristo e os cristãos, como entre cabeça e membros de um corpo vivo. Pois Ele e nós não constituímos um Corpo? Quantos movimentos, quantas presenças dos membros menos nobres não recebem do cérebro o comando que lhes deu origem?

Assim membros de Cristo que somos, presentes ao mundo, participantes na vida dos homens do nosso tempo, operamos como Ele, na medida em que os nossos movimentos, as nossas atitudes sigam os impulsos que Ele comanda.

Por isso Ele continua passando a fazer o bem. É uma passagem real, embora mística. É a passagem d'Ele nos homens que creem n'Ele e vão após Ele no sulco redentor que Ele abriu. É o sentido da Redenção que nos cumpre completar, não porque tenha faltado algo de poder salvífico à Paixão de Cristo, mas porque Deus não quis dispensar os homens de participarem com a sua parte na Paixão d'Ele, de tomarem partido nesse «duelo misterioso entre a morte e a vida», do qual «o Autor da vida saiu vencedor, embora havendo morrido».

Foi o «Cordeiro que resgatou as ovelhas». Os homens tentarão esquivar-se muitas vezes invocando o seu pouco valimento. Não os escusa, porém. Que importa que eles sejam cordeiros por entre ovelhas, das quais algumas se vestem de lobos devoradores?! Importa mesmo que cada ovelha aspire a ser cordeiro com Ele, como Ele. E só então estará no sulco que Ele abriu de uma vez para sempre, resgatando com Ele, como Ele. É pela morte que se chega à Vida.

Que sejam tais os conceitos e propósitos dos homens na Páscoa-1966. Decerto terá sido a Graça a inspirá-los. Que seja Ela a ajudar-nos a seguir e a fazer seguir o caminho da Eternidade, que hoje, de novo, Ele nos abriu.

As nossas oficinas de Tipografia, Serralharia e Carpintaria estão nos acabamentos. Quem passar juato ao Largo das Areias é ferido pelas cores joviais das paredes exteriores. Queremos que tudo ali seja alegre, acolhedor, apetecível, para tornar o trabalho mais suave e atraente.

Na construção de homens há muitos factores a ter em conta e tudo o que fala aos sentidos deve merecer o maior cuidado.

As oficinas instaladas com o maior desafogo ficam cheias de luz e de ar, dando um ambiente de desanuviamento e de calma.

Na parte de baixo, dum lado e do outro, com escritório comum, ficará a Carpintaria e a Serralharia com uma área de 200 metros quadrados cada, e na parte de cima será instalada a Tipografia com escritório privativo e uma área de 400 metros quadrados.

As oficinas num único edifício, de uma traça arquitectónica



Chefiados pelo Renato, os «Batatinhas», que têm sido delirantemente aplaudidos pelo público que enche as vastas Salas onde os nossos Rapazes têm actuado, executam mais um dos seus engraçados números.

FESTAS

Disse no derradeiro número que esperava poder dar neste boas notícias das Festas entretanto realizadas. O Senhor não deixou frustrar a nossa esperança. Graças a Ele, o acolhimento que recebemos foi caloroso, verdadeiramente consolador.

Eu queria que os nossos Rapazes vissem neste abrir de braços, crescente em número e entusiasmo ano após ano, um sinal, não da nossa graça, mas daquela que Jesus — em nome de Quem somos o que somos — faz brilhar em nós.

Em Braga, um ou dois dias antes, tinha actuado uma excelente companhia de artistas profissionais. «Eram 60 espectadores na sala» — me disse um empregado do Teatro. Na nossa noite foram tantos quantos cabiam, fora os que teriam entrado se houvesse lugar. E foi assim no Coliseu do Porto, no Avenida de Coimbra e no Aveirense. E em Guimarães, se o «Jordão» não esgotou, nem por isso os Rapazes sentiram rarefação e o consequente «frio» que ali experimentaram apenas a primeira vez que lá estivemos.

Não, não é a nossa graça o que pode explicar esta concorrência do público, apesar dos nossos Rapazes se virem esmerando de ano para ano e darem o melhor de que são ca-



cheia de beleza, têm sido obra de amor dos nossos rapazes e dos nossos amigos. Eu não tenho dado conta, mas tenho-me ajoelhado muitas vezes deslumbrado pela colaboração escondida de Homens de Bem.

Numa casa de materiais não nos tem pesado as dívidas. Quando vou pagar está tudo liquidado. O arcão foi quase todo oferecido. A pedra foi toda dada. Deus sabe o sacrifício de cada

um. Às vezes com encargos grandes a satisfazer, mas a brita para as nossas oficinas teve de aparecer e sempre gratuitamente.

O cimento pagámo-lo adiantado. Eu não queria dizer que a Cecil só me deu cem sacos. Estamos perto dos três mil, ali gastos.

Uma senhora Amiga e que nos remenda a roupa deu-nos pelo Natal do ano passado, cinco contos e este ano três e meio. Vem o amor junto à disreção. O sacristão não sei se chegou a pagar o seu pilar! Atrás dele vieram outros. Uma procissão sem capas vistosas. Tudo discreto: Na rua, em cumprimentos. Ninguém dá fé. Deus sim. Eu, como testemunha.

A Câmara tem colaborado sem alardes mas com compreensão e estímulo. Gosto tanto dos homens públicos que não armam a fachoda!

Continua na segunda página

Continua na segunda página

Festas

Continuação da 1.ª página

pazes — que é, graças a Deus, algo apreciável. Por isso eu queria que eles atentassem nesta predileção do nosso numeroso público — e que este interesse tão amigo lhes despertasse o brio não apenas quanto à qualidade do espectáculo, mas quanto à virtude de cada um dos que o faz, pois na medida em que nos não embaciarmos por nossa culpa, mais a graça de Cristo se reflectirá em nós.

Para os «padres da rua», as nossas Festas, por sobre a canseira e dissipação que provocam nas comunidades em que somos o pai de família, elas são uma confirmação actualizada do pensamento pedagógico de Pai Américo e um retomar de consciência da presença de Cristo aos homens, mediante nós — que somos coisa tão frágil e pequenina.

Coisa muito séria é a alma do «cozno quem brinca» que são as nossas Festas!

.....

Recebi há pouco telefonema de Coimbra. Querem-nos lá segunda vez.

Recebi postal de Amarante. «Quando vem por aqui combinar a Festa? Apareça...»

Em Espinho, um sacerdote e um engenheiro muito amigos dizem que o encher o Cine-Teatro S. Pedro é da conta deles. Espinho será uma estreia deste ano.

Santo Tirso, outra estreia. Está já marcado o dia 15 de Abril e algumas forças vivas a postos para a propaganda.

A casa de Setúbal estará presente em 19 de Abril no Barreiro e em 22 na sua cidade.

A casa do Tojal, em 20 na Amadora, em 21 no Monumental e em 23 nas Caldas da Rainha.

De Leiria já vieram três mensagens de amizade a dizer que há agora ali um belo teatro novo à nossa espera.

Quem nos atende em Santo Tirso diz que em Ovar ainda nos ofereceria mais facilidades.

Poderíamos ser uns rejeitados, ou uns importunos que apenas se toleram... E somos queridos assim! Quem tal mereee!?

Que Jesus brilhe em nossa face e nos guarde de embaciarmos o Seu brilho!

Visado pela

Comissão de Censura

Vizinho amigo, ao comemorar os seus 74 «Janeiros», envia 1.000\$00. E que viva muitos mais, são os nossos votos. Presenças várias da «Amiga da Obra», de Algés. De Rio Tinto duas vezes 100\$00. E. D. M. com os 20\$00 mensais. E de Viana do Castelo, «para o mais pobre dos Pobres», 100\$00 mais 170\$00.

Por alma do Manuel, 50\$00 mais 50\$00. «De quem na vida não é mais que um zero», 1.000\$00, sendo 500\$00 para os Pobres. 50\$00 da Foz do Douro. Anónima com 100\$00, por ter conseguido emprego. A atenção do nosso assinante do Dondo-Angola, que se apresenta mensalmente no dia 14, dizemos que sim. Temos recebido suas cartas. Obrigado.

«Jovem da Beira Alta», presente com 100\$00 e uma vontade enorme de nos ajudar muitíssimo. Lisboa com 100\$00. Ilhavo também com 100\$00. «Por alma de um filho», recebemos medicamentos, um relógio e 20\$. Assinante 30243 com 102\$. Mais 6 contos da Foz, para a maior necessidade. Da R. da Corticeira, está presente o Sr. Manuel com as suas cotas mensais. Uma operária da Fábrica do Jacinto, com 20\$00. Amiguinha do Bairro da Pastelaria com 70\$00. E uma Mãe do mesmo bairro oferece 30\$00. E as 50 libras mensais do nosso Amigo italiano, Sr. Mário. Mais a presença sempre grata dos funcionários da Caixa Têxtil, com 1.110\$00, que todos os anos e pelo Natal, se não esquecem de nós. Que Deus os ajude. E o muito que recebemos por intermédio do Espelho da Moda, no Porto. Uma casa em que a amizade que nos dedicam não tem limites.

«Amargurada pelo dia 22», com os habituais 50\$00 por mês.

Do que nós necessitamos

Sátão com 50\$00. De Fânzeres, igual quantia. Mais um aniversário e 20\$00. Para as amêndoas dos rapazes, 100\$00 de Lisboa. Mais 400\$00 do Porto. E 200\$00 e 100\$00 e 50\$00 e 100\$00. ainda da Invicta. De Perafita 100\$00. Mais 500\$00 e 100\$00, «Da que pede trabalho». Aveiro com 50\$00. Dum aumento de ordenado, 200\$00. Ass. 28863 com 750\$00. E Lisboa com 500\$00. Pró Barredo e destinado à Sra. Carlota recebemos 100\$00, 20\$, 40\$00 e 1.000\$00. De Luanda cá está o amigo R. Lemos com os 200\$00 mensais e 100\$00 para uma renda de casa no Barredo.

Promessas e graças cumpridas, trouxeram-nos, 500\$00, 100\$00, 120\$00, 150\$00, 450\$00 e 100\$. Mais 600\$00 de Gaia. E duma Maria Filomena, 100\$00. Anónimo com 20\$00, achados. E roupas de Lisboa. Um sobretudo da Guarda. Uma lata de Milo de Alcoentre. Um despertador de Famalicão. Livros de Moscavide. Mais roupas de Águeda, Vila Teixeira de Sousa e do assinante 4081. Para três cobertores, 300\$. Calçado de Areosa. Lençóis do Porto. Uma lecionista da Figueira envia roupas confeccionadas pelas suas alunas e 20\$00. Da Póvoa de Varzim, um cobertor. Ass. 26331 com roupas o 20\$00 pró Barredo. Mais livros de Lisboa. E um primeiro ordenado de um filho de 16 anos, 523\$50. Mais uma remessa de papel, sempre jeitosa, da Fábrica de Papel do Almonda.

E uma carta muito simples e muito simpática, dum nosso assinante:

«Cada escada que subo na minha vida artística, um lance, é sempre vosso: 1.000\$00!

Este é com a intenção de ajudar a descobrir nesses rapazes alguma vocação artística elevada.

«A Arte é um dos caminhos que também nos aproxima de Deus!»

Assina F. A. M. A.. Gratos Amigo, e continuação de bons êxitos.

António com a presença do costume. Porto com 100\$00. De Cinco Vilas 50\$00. Lisboa com 20\$00. Maria Júlia com 590\$00 e lastima o silêncio a que por vezes é obrigada. Ass. 9640 com 170\$00. Anónimo do Porto com 20\$00. Igual quantia de Lisboa. Mais duas presenças de 50\$00

da sempre estimada Avó de Moscavide. Assinantes de Vizela armaram um presépio e neste, uma caixa-mealheiro cujo produto reverteu a nosso favor. Feitas as contas, a feliz iniciativa destes bons amigos deu-nos 203\$90.

Duma promessa, 50\$00. São de uma anónima de Mutuali-Mogambique. Lisboa com 50\$00. M. R. com 100\$00. Ass. 11447 com 20\$00. «Uma Penichense», com 100\$00. Os silenciosos e costumados 40\$00 da R. da Madalena e de Soure. Mais os 100\$00 de todos os meses da Av. Almirante Reis. M. F. com 100\$00. Do primeiro ordenado de seus filhos, o ass. 4950 envia 100\$00. Por intermédio da Ideal Rádio, 20\$00. De Lisboa, Av. Luis Bivar, 100\$00. Anónimo com 150\$. De M. F. e C. B., «duas gaiatas de Santarém», roupas feitas com muito carinho. Deus pague o vosso amor.

Ass. 20335 com 200\$00. Medicamentos de Elvas e 500\$00 da mesma cidade alentejana. Roupas, calçado e medicamentos de Avelar. Este assinante perfumou o vestuário enviado, não por ostentação, mas por consideração por aqueles a quem se vão destinar. «E podem usar sem receio, pois pertenceu a pessoa que nada teve de infecto contagioso». Mais da ass. 27572, «roupas folclóricas», no dizer do nosso «Stick». E três contos do Porto. Mais 10\$ e 50\$00, também do Porto. Condição com 500\$00. Da cançonetista Maria Albina, 465\$00, provenientes de um sorteio. E 100\$, «o primeiro abono de família que vou receber do Paulo Jorge».

Corros e novelos de lã, não sei donde. Roupas de Vilar Formoso. 300\$00 de Lisboa. Mais uma quete feita por «Um grupo de 13 funcionárias dos S. Médicos Sociais à Rua Alvares Cabral, que rendeu 127\$20». Mais dum Laurindo, 50\$00. «Uns Amigos de Naugatuck (U. S. A.) mandaram uma lembrança ao sapateiro para pagar ou amortizar a taxa militar». Recebemos 34 dollars. Graças a Deus, o caso está solucionado, pois outra coisa se não fez do que pagar o relaxe e pôr a taxa em ordem.

Já a terminar esta rubrica aparece a oferta de 520\$00, feita pelo Rotary Clube de Guimarães, aquando da nossa festa na cidade berço.

Bem hajam todos, e que Deus vos recompense.

Manuel Pinto



Continuação da primeira página

Na U. E. P. encontramos apoio e ajuda. A instalação eléctrica da cabine de transformação está a cargo de um electricista sem fé. Quer oferecer a mão de obra e sem interesses! A nossa

Obra é uma apologia viva do Amor. Deus é Amor. O nosso Amigo encontrará o Amor dando amor.

Costaria já de marcar o dia da inauguração, mas não posso. Os acabamentos demoram imenso. Eu ando consumido. Seja como for não faremos convites.

Anunciaremos. Prepara já a tua presença. Eu devo quase duas centenas de milhares de escudos. As máquinas da carpintaria pagou-as aquele senhor italiano que trabalha de cozinheiro num barco inglês. Para a serralharia tenho prometido um torno e uma bancada. A Tipografia precisa imenso de melhoria!

Consola-me muito a tua presença!

.....

As Festas enchem a imaginação e a vida dos rapazes. É desde o mais pequenino ao mais velho.

Anda tudo empenhado em ensaios! Este ano vai ser, ouço dizer, uma categoria. No dia 19, terça-feira, estaremos no Barreiro. A gente do Barreiro tem-nos acolhido sempre tão bem! Disseram-nos que não levavam a bem a nossa falta este ano. Então lá estaremos no Cinema Ginásio às 21,30 do dia 19 de Abril.

Em Setúbal vai ser uma fogueira. Tenho sentido à minha volta aumentar o grupo de apaixonados e o calor da paixão. Espero que o Luiza Tody seja pequeno no dia 22 de Abril, também às 21,30 h..

Padre Acílio

LUISA TODY

SETUBAL

BILHETES A VENDA: Lar do Gaiato, Av. Luiza Tody, 38 — tel. 24620. Na Papelaria Campos, Largo da Misericórdia e nas bilheteiras do Cine-Teatro.

22 de Abril

Às 21,30 h.



Cine-Ginásio da CUF

Barreiro

19 DE ABRIL

Às 21,30 horas

Os bilhetes para a nossa festa estão à venda nas bilheteiras do teatro

Tribuna

O envelope trazia recorte dum jornal da capital a descrever a tragédia e a fazer um grande apelo ao sentimento do povo português e uma exposição da gravíssima situação familiar feita por pessoa digna de fé. Entreguei o caso ao nosso Padre Luís do Tojal e ele foi averiguar e vin que tudo era certo.

dia da má constituição da família. Eles chamam-se irmãos; chamavam-lhe mãe; chamavam-lhe pai. Como, na realidade, tudo é diferente! Quando um dia forem homens, se forem conscientes, não-de sentir a tragédia da sua constituição familiar.

Américo já começou a interessar-se pela escola, bulba menos vezes, atira menos pedras e não chama nomes tão feios. Luis Filipe e Tó Zé irão ser baptizados na próxima Vigília Pascal, se Deus quiser.

Falando do baptizado de

cas em Coimbra e hei-de encomendar-lhes uns sapatinhos brancos.

Digo-te ainda que na mesma Vigília Pascal, na Missa da Ressurreição, farão a primeira Comunhão dez dos nossos mais novos: João Maria, Zéquita, Joãozito, Eugénio, Joaquim, Albino, Carlos Alberto, Luis Manuel, Angelo e Zé Carlos.

Eles andam num sino. Vamos preparar-lhes uma festa. E porque és da nossa família, une-te a nós e manda-lhes teus presentes.

DE COIMBRA

O ano passado os jornais deram a notícia da tragédia: nos arrabaldes de Lisboa ateou-se o fogo a uma barraca que ardeu completamente, morrendo queimada a mãe e ficando muito queimadas cinco crianças que foram salvas e internadas em hospitais. Tudo o que estava foi devorado pelas chamas.

A tinta continuou a correr nos jornais, que foram emudecendo pouco a pouco; o sentimento do povo português voltou ao seu estado de repouso habitual; as crianças, depois de curadas, voltaram ao ambiente de tragédia.

O pai, um pobre rapaz que em novo foi da província, trabalha aos dias fora com enxada, pá e picareta. Veio um dia ao meu encontro a perguntar pela carta que uma senhora me tinha enviado e a insistir que lhe aceitasse os filhos. Falei-lhe da missão e da responsabilidade dos pais. Disse-lhe da grandeza que Deus confiou aos homens, como continuadores e artistas na obra da criação. Estimulei-o a ficar com um ou dois filhos e dedicar-se-lhes. Pouco ou nada ligou. Dois já estavam arrumados e vinha por causa dos outros três. Vi-o sem interesse e sem capacidade.

Os pequenos vieram: Américo de dez anos, Luis Filipe de sete e Tó Zé de cinco. Todos raquíticos e o último, um autêntico esqueleto, vinha muito doente e tem-nos inspirado cuidados. Agora já brinca e faz boa companhia aos outros batatinhas.

Américo, tipo de rufia, nunca foi à escola. Luis Filipe e Tó Zé não estão baptizados. Quando peguei nas 3 cédulas e vi nomes e filiação fiquei num mundo de amargura. Muito maior e mais funesta do que a tragédia do fogo que tudo devora num instante é a tragé-

Luis Filipe e de Tó Zé quero dar-te a notícia de que na mesma altura será também baptizado o nosso João Maria

Que a tua Páscoa seja a que estamos a preparar para estes nossos filhos: uma Páscoa cheia de Cristo.



Os nossos Rapazes de Miranda, através deste «trio», mostram a toda a gente que também percebem do assunto. Coimbra vai ter a oportunidade de os ver actuar de novo em 24 do corrente, pelas 18,15 h., no Teatro Avenida.

que tem 8 anos e veio da Figueira da Foz. É um encanto. Já lhes mandei fazer as túni-

MUITA ATENÇÃO—O Teatro Avenida, que já nos últimos anos era pequeno, este ano foi-o muito mais para conter a presença e o calor dos nossos Amigos. Graças a Deus e bem-hajem pela alegria que nos deram.

Por isso, atendendo ao êxito da 1.ª Festa, temos o prazer de comunicar a todos os coimbricenses que repetiremos o espectáculo já no próximo dia 24 do corrente, às 18,15 h., no Teatro Avenida. Os bilhetes estão à venda nos locais do costume.

Padre Horácio

Aqui Lisboa

Já temos falado no assunto e se não fora a sua importância deixá-lo-íamos no olvido. Revistas infantis e livros para a juventude, entre outras publicações, chegam-nos com frequência e, por determinação nossa, devem passar primeiro pelo escritório onde coligimos estas notas. É que, não poucas vezes, e ainda um dia destes sucedeu, pasmámos ante a autêntica pornografia e a série de anedotas porcas, de uma imoralidade escandalosa, tocando na maior parte dos casos a baixa sensualidade, que se fornece como leitura aos jovens. O tempo de que dispomos não é assim tanto que possamos estar horas e horas, embora em defesa dos que nos estão confiados, a passar uma vista de olhos sobre o que nos mandam. Todavia, como a responsabilidade é exigitiva, não temos outro remédio senão arvorarmos em censores, enquanto poderíamos aplicar o tempo em coisas diferentes e absolutamente indispensáveis. Não raramente, até, aparece um dos tais livrinhos com aspecto inocente, dando as suas «bica-delas» no Sacerdócio e na Santa Igreja, não sabemos se por inspiração diabólica de tudo subverer, numa Casa que o é em função do Santíssimo Nome de Jesus e através, precisamente, da Maternidade da Igreja, de que os responsáveis querem ser, embora humildes, fiéis e respeitadores servos.

Condenam-se os mixordeiros a pesadas multas, prendem-se os falsificadores de bebidas ou de outros produtos, censuram-se os jornais e outras publicações, às vezes de modo tão exigente ante os objectivos claros de bem fazer e de doutrinar à luz dos princípios mais sólidos. Porém, no que diz respeito ao alimento espiritual que deveria ser a leitura dos jovens, parece haver

uma inconsciência tremenda, um conformismo interessado, ou uma incapacidade tremenda de ver e julgar as consequências terríveis a que tal comportamento pode levar. Pode não tratar-se de morte súbita, mas envenenamento lento e capcioso, dissolvente e corrosivo, não tenhamos dúvidas que se está a processar com as «iguarias» fornecidas à luz do dia no género de leitura juvenil à disposição de todos os que a queiram. E o que nos parece mais triste é, sem dúvida, a apatia dos responsáveis, como se não estivessem em jogo valores vitais, bem assim das famílias cristãs, indiferentes aos resultados de tal atitude. Permita Deus que amanhã não seja demasiado tarde para tomar as medidas indispensáveis. Pobre Juventude, que tem como guias adultos incapazes de a compreender, defender e amar!

.....
Pedir uma casa para o nosso Lar em Lisboa será demasiado? Aos olhos do mundo será impossível e atrevido que haja alguém a fazer semelhante solicitação. Não temos, porém, receio de pôr aqui tal pretensão. O nosso dever é pedir, pois a causa por ser de Deus e dos nossos Irmãos também é nossa. De resto, não se vê estragar por aí, em banalidades, tantos caudais de bens, e nem sempre muito legitimamente!!

.....
FESTAS — É este o último número de «O Gaiato» antes da nossa Festa no Monumental, dia 21, às 18,30 horas. A 20 estaremos na Amadora e a 23 nas Caldas, pelas 21,30 h. Até um dia desses, se Deus quiser.

Padre Luiz

MONUMENTAL

DE

LISBOA

21 de Abril

Às 18,30 h.

BILHETES À VENDA: Ourivesaria 13: R. da Palma, 13 — Telef. 861939; Montepio Geral: R. do Ouro, 241 — Telef. 361555; Franco Gravador: R. da Vitória, 40 — Telef. 361406; Lar do Gaiato de Lisboa: R. dos Navegantes, 34 r/c — Tel. 669451; Nas Biheteiras do Monumental: (só no último dia) — Tel. 555131.



TEATRO AVENIDA

COIMBRA

Os bilhetes para a nossa festa já estão à venda no Lar do Gaiato, Tel. 24648; Casa do Castelo, Rua da Sofia; e nas bilheteiras do Teatro Avenida.

24 de Abril

Às 18,15 h.

2.ª FESTA



BENGUELA

* **ELEIÇÃO DOS CHEFES:** Numa Casa do Gaiato, será muito difícil não encontrar uma cabeça principal. Se não está o Senhor Padre é o chefe maior. Se não está este, fica o sub-chefe. E assim sucessivamente conforme a idade e a capacidade do que pode ocupar aquele posto. Ora na Casa do Gaiato de Benguela fizeram-se as eleições dos chefes, visto o Almerindo ir para a tropa. A eleição não podia começar sem que houvesse uma palavra de introdução. Não há dúvida que antes de começar um acto destes não faltaria uma palavra de introdução, visto ser esta que prepara os corações daqueles que estão presentes. As eleições começaram. Cada um votou à sua vontade. No fim o chefe maior foi o nosso António Augusto, seguido pelo Osvaldo, o qual é a primeira cabeça quando não está presente o primeiro.

* **ADUBOS:** Estes produtos foram pedidos e graças a Deus ofereceram-nos 3.500 kg. de adubos de óptima qualidade. Eu, que estou a escrever, não conheço os senhores que nos mandaram, mas desde já fica aqui impresso o nosso muito obrigado em nome de todos os gaiatos, Sr. P.e Manuel, e do empregado da horta, ou seja o senhor José.

António Augusto

MIRANDA DO CORVO

* Gaiatos no Avenida é já um factor: a nossa Festa em Coimbra pertence já à história. E porquê? Porque ela é feita de Amor. O programa da Festa difere de ano para ano. No entanto, há no fundo qualquer coisa que permanece de comum. A nossa Festa é sempre uma reunião dos Amigos da Obra da Rua que acorrem ao Avenida, enchem a casa e no entanto não vão a contar ver um espectáculo, não esperam ver muita arte.

A arte não nos preocupa. Nas nossas Festas aos batatas são os reis e eles com as suas calças rotitas fazem o melhor número.

Os conimbricenses foram tanto ou mais que o que nós contávamos que fosse. Numa sala grande, que nesse dia foi pequena, a gente era à pinha e o entusiasmo bradou bem alto. Que o digam o calor das nossas palmas e as chuvadas de rebuçados que caíram no palco. No fim, embora a hora fosse já adiantada, muitos, gente moça, gente

simpática, permaneceram às portas do Avenida.

A venda dos bilhetes este ano foi coisa nova. Não foi preciso andar de porta em porta. Apenas uns prospectos aqui e acolá, uns avisos no «Famoso» e o tempo, duas semanas antes do dia 22, fez o resto. Na Casa do Castelo, dias antes, já não havia bilhetes; no Lar poucos ficaram. A última da hora alguns foram ao Avenida e viram um letreiro: ESGOTADO. Conclusão: muitos acordaram tarde e ficaram cá fora.

A Festa foi há poucos dias e já para aí há um monte de cartas. Cartas de Amigos nossos, algumas das que ficaram à porta: estes tristes por não verem a Festa e ao mesmo tempo contentes por a casa estar cheia.

São assim os Conimbricenses; eles são da nossa Família. Este ano iremos de novo ao Avenida, e pelo Amor que há entre nós, sabemos que não faltaremos. Por isso, até breve se Deus quiser.

António Ferreira da Silva

A crónica de hoje tem de ser sobre a Festa dos gaiatos de Paço de Sousa, no Teatro Ribeiro Conceição. Lamego vibrou de entusiasmo e a lotação ficou esgotada muitas horas antes do espectáculo começar. Choviam telefonemas, de toda a parte a solicitar bilhetes que não era possível conseguir.

Ainda não tinha terminado a actuação e já se ouvia entre a compacta assistência o pedido de que no próximo ano teriam de voltar. Pai Américo e a sua Obra vive em cheio no coração do bom povo lamecense. Só assim é possível explicar o calor das palmas, os rebuçados que caíram no palco, o interesse na passagem da casa por um grupo de meninas muito dedicadas, a preciosa colaboração das autoridades, da P. S. P., dos Bombeiros, as facilidades na execução das formalidades legais do espectáculo e sobretudo todas as atenções da Ex.ma Gerência do Teatro Ribeiro Conceição e de todos os empregados que ali traba-

lharam. Muito simpático foi para todos nós o senhor Delfim, carpinteiro do palco.

No convívio com Pai Américo notei muitas vezes que ele tinha um fraco pela boa gente de Lamego. Se é verdade que amor com amor se paga, a cidade soube e sabe corresponder.

Não foi em vão que à saída do espectáculo se colocaram as capas no chão. Mais que os donativos ali deixados impressionou-nos de modo particular alguns testemunhos encontrados à mistura com o dinheiro. Muitas vezes se tem dito, que Lamego é um meio pequeno e que a sua gente não é rica. Repetindo o velho adágio de que grande é o Marão e não dá palha nem grão, ou de que

os homens não se medem aos palmos, sentimo-nos com coragem para reafirmar que a principal riqueza está na bondade dos corações e os feitos heróicos partem das almas nobres. Se isto de alguém fosse desconhecido, ter-lhe-ia ficado como lição na inolvidável noite de 28 de Março.

Foi a medo que se iniciou o Lar de S. Domingos à sombra das normas ditadas por Pai Américo que tinha o Evangelho no coração. Hoje sentimo-nos aqui como em família que sabe repartir com todos do pouco ou do muito que o Senhor vai dando. E por isso queremos finalizar manifestando de novo a nossa gratidão pelo acolhimento, melhor direi, pelo carinho, que a cidade nos dispensa.

Padre Duarte



A chegada do bom tempo veio obrigar as Belenitas a saírem das casas e deitar a mão aos trabalhos compatíveis com a sua idade.

No dia 10 de Março, depois de ligeira arrumação da casa, todas saíram a preparar um grande bocado de terra para a sementeira das batatas. Um bom grupo das mais novas ia rapan-do as ervas, enquanto as maiores, com uma carrela, levavam da nitreira o estrume curtido. Este trabalho, já de si nada limpo, nas mãos delas, mais sujo se tornou, por ser a primeira vez que o faziam e não lhe terem ainda encontrado o jeito próprio. Podem, pois, fazer ideia do estado em que as moças se puseram...

Eu, cheia de pena por não poder aproveitar o bom tempo para dar à casa a limpeza geral que ela pedia, depois de tão longo

inverno, resolvi arregaçar as mangas e ir andando.

Enquanto as duas da cozinha lavavam a loiça e os Pintinhos dormiam na sua soneca, fui-me aos outros compartimentos do lado da varanda, donde podia controlar as do campo, e comecei a grande desarrumação que tem de preceder as limpezas a fundo.

Nisto, surge um carro preto ao fundo da quinta. «Mau — disse para mim — temos visitas».

— Meninas — disse para as do campo — vejam lá se são pessoas conhecidas...

— É o Senhor Padre Francisco e outro Senhor Padre que não conhecemos.

Acreditei e fui à porta... O tal Senhor Padre desconhecido era... o Senhor Bispo!

Que alegria! Esta visita surpresa, apesar de feita na Quaresma, soube-nos a visita Pascal. Pois não é o Senhor Bispo o representante de Cristo e não veio em Seu Nome?

Para já, ficou a conhecer-nos como gente de trabalho, que procura ganhar o pão com o suor do seu rosto, o que não deixa de agradar-nos.

Mas esperamos que, para a outra vez, venha encontrar uma quinta com mais agradável aspecto e mais embelezada pela Natureza; a casa mais acolhedora e arrumada, com portas francamente abertas, para que possa percorrer e abençoar todos os recantos e todas as Belenitas.

O mês de Março foi fértil em visitas. Num domingo tivemos cá os Teólogos do Seminário Diocesano, que quiseram saber da natureza e fins da Obra e se mos-

traram muito interessados em assistir à nossa Festa que, como sabem, será levada a efeito no dia 30 de Abril, à noite, e no dia 1 de Maio, de tarde, no Ginásio do nosso Liceu.

Num outro domingo vieram os Filósofos do mesmo Seminário, mas a visita foi quase de médico...

No último domingo tivemos em Belém as alunas internas do Colégio de N.ª Senhora da Conceição. Vieram oferecer às Belenitas as galoseimas, fruto das suas renúncias, durante a Quaresma. E por cá ficaram algum tempo, na brincadeira com elas. Prometeram voltar.

E, para aós não ficarmos por cá, só a receber visitas, no Dia do Professor, fui eu, com 7 pequenas, à sessão de homenagem aos Professores. As Belenitas cantaram uma saudação aos Senhores Professores, que eles agradeceram com muitas palmas. No fim veio a propósito dizer algo sobre Belém e sobre a nossa Festa.

A todos, Santas Páscoas no Senhor Jesus.

Inês — Belém — Viseu

NO GINÁSIO DO LICEU

EM
VISEU

30 de Abril

ÀS 21,30 H.

1 de Maio

ÀS 15 H.



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE

COLISEU
DO
PORTO

8 de Maio

DOMINGO

Às 18,30 h.

2.a FESTA

BILHETES A VENDA: dias úteis no Espelho da Moda, R. dos Clérigos, 54 e todos os dias nas Bilheteiras do Coliseu do Porto.